

“Impossível me separar do celular!” O uso adicto das tecnologias digitais

Nádia Laguárdia de Lima
Cláudia Maria Generoso



Daniel Lannes, Família de fusileiros, 2014

Introdução

Conversações com adolescentes, de onze a treze anos de idade, em escolas públicas, tem apontado um uso excessivo que os jovens fazem dos celulares. A proposta da conversa surgiu a partir da demanda da escola de intervenção junto aos alunos, em função da ocorrência de uma série de problemas envolvendo os adolescentes e as redes sociais da internet.

Nas conversações, buscamos conhecer as diferentes formas de utilização das redes sociais pelos jovens, além dos impasses e problemas que eles vivenciam na internet, tentando localizar um ponto de mal-estar no uso que cada adolescente faz desse espaço virtual. Alguns adolescentes afirmam que mantém uma relação de dependência com os seus celulares: “é a minha vida!”, “impossível me separar dele”, “preciso conferir as postagens a todo instante!”, “é algo incontrollável”. O uso

excessivo, incontrolável do celular, revela que há algo de pulsional em jogo, um gozo com esse objeto tecnológico.

Esse uso excessivo dos celulares nos convoca a fazer uma leitura dessa nova forma de adição, decorrente da forma de conexão e uso dos objetos e tecnologias colocados à disposição para o consumo imediato. Consideramos que a ação toxicômana não se restringe ao consumo de uma droga no formato de uma substância química que tem um efeito no organismo. Há um uso adicto no mundo contemporâneo que atinge especialmente os adolescentes.

Galante (2009) em seu artigo “Lazosocialintoxicado”, recorre a Freud (1898) para nos lembrar que essa questão já se encontrava em seus estudos iniciais, apontando-nos que não é o fato de consumir uma droga que gera uma adição, mas é necessário que aquilo que se usa como forma de se intoxicar tenha uma finalidade de substituição (Freud, 1898). Ou seja, é a modalidade de uso que pode tornar um objeto nocivo ao sujeito e não apenas o efeito de uma substância no organismo. Nesse artigo, Freud fazia uma aproximação entre o hábito da masturbação e qualquer outra forma de vício. Ele diz: “Entregue a si mesmo, o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação”. E continua a afirmar que se trata de um processo mais complexo, pois o “hábito” é uma simples palavra, sem nenhum valor explicativo. Nem todos que tem oportunidade de tomar morfina, cocaína, hidrato de cloral, etc. por algum tempo adquirem um ‘vício’. A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam a servir – direta ou indiretamente – de substitutos da falta de satisfação sexual (Freud, 1898, p. 246).

Freud (1898) comenta que o vício da masturbação estava associado à neurastenia, cuja etiologia era de tipo contemporâneo, juntamente com a neurose de angústia: fadiga, cansaço generalizado, dificuldade de digestão. Dessa forma, qualquer objeto pode ser usado de forma adicta, especialmente

no mundo contemporâneo em que sobressai a relação direta com os objetos/tecnologias, sem anteparo do falo. A operação toxicomaniaca é aquela que visa interpor ou interceptar a relação do sujeito com o falo, com a castração. Tomando a toxicomania a partir dessa noção, podemos dizer que a função tóxica é decorrente não apenas do efeito da droga como substância no organismo, mas sim do uso de qualquer objeto que funcione como obturador da relação do sujeito com a castração, levando-o a um gozo autístico, sem o Outro. Podemos dizer que é essa dimensão autística do gozo que é tóxica, pois tem uma perspectiva mortífera.

A adolescência é o momento de reencontro com o objeto como causa do desejo, com o núcleo real e traumático do gozo, o mais íntimo e também o mais êxtimo ao sujeito (Lima e Coelho dos Santos, 2015). O adolescente é confrontado com um real impossível, com o que padece de significante. A aproximação desse gozo íntimo, desse vazio estrutural, tanto pode despertar a angústia quanto abrir caminho para a singularidade do desejo de cada um. Permite que o sujeito tenha acesso ao universo dos semblantes, fazendo uma escolha de posição na partilha sexual, para servir-se dos papéis sexuais na vida amorosa. Assim, o trabalho psíquico da adolescência requer a articulação do íntimo na cena pública (Lima e Coelho dos Santos, 2015).

A extimidade não equivale à pura exterioridade, mas designa um hiato do centro da identidade consigo mesmo, que condena o sujeito a identificações, na tentativa de recobrir esse hiato (Miller, 2011). Miller explica que o êxtimo é, em primeiro lugar, o Outro do significante, êxtimo ao sujeito, mas é também o objeto, esse que se desprende da cadeia significante no processo de separação na operação lógica constitutiva da subjetividade. Esse objeto a é tão êxtimo ao sujeito quanto ao Outro.



Bruno Miguel, Apoteose para tela branca

O núcleo da subjetividade é justamente o objeto a, que condensa para cada um seu modo próprio de gozar do corpo. O modo de gozo de satisfação pulsional – oral, anal, fálico, escópico ou invocante – está na origem da constituição do sintoma de cada sujeito. No tempo da puberdade há uma quebra dos envoltórios que recobrem essa fratura íntima da identidade de todo sujeito, desvelando o objeto a. Se as identificações visam a recobrir esse hiato traumático, a queda das identificações desperta a angústia, sinalizando a proximidade do objeto. O sujeito adolescente é confrontado com a experiência de um real impossível que Lacan nomeia de não-relação sexual. A Coisa é o que do real padece de significante, que está além do princípio de prazer, o gozo. A aproximação desse gozo íntimo, desse vazio estrutural, tanto desperta a angústia quanto abre caminho para a singularidade do desejo de cada um. Permite que o sujeito tenha acesso ao universo dos semblantes, fazendo uma escolha de posição na partilha sexual, para servir-se dos papéis sexuais na vida amorosa. Assim, o trabalho psíquico da adolescência requer a articulação do íntimo na cena pública, ou seja, uma articulação do gozo no campo do Outro (Lima e Coelho dos Santos, 2015).

Na contemporaneidade, a queda da significação do falo e a

vacilação dos semblantes que tradicionalmente viabilizavam o encontro entre os sexos dificultam o acesso do adolescente ao gozo fálico. Em seu lugar, muitas vezes, é despertado um gozo suplementar, feminino, que escapa à significação fálica (Lima e Coelho dos Santos, 2015).

Lacan esclarece que a queda do Ideal e a ascensão do objeto impõem a tirania do mais-de-gozar. Para Miller (2011), a sociedade deixou de viver sob o reino do pai e a estrutura do Todo deu lugar ao não-todo, que pode ser localizada no lado feminino da tábua da sexuação. O autor descreve o surgimento de uma nova ordem no século XXI, que se caracteriza pela feminização do mundo. Sinatra (2013) destaca que o não-todo é uma série em desenvolvimento sem limite e sem totalização. Se na lógica do Todo a exceção assegura e dá consistência ao conjunto, sem a exceção o Todo não fecha. Sinatra ressalta que é a partir da posição do líder, ou seja, daquele que ocupa a posição de exceção, do “ao-menos-um” que se excetua à lógica coletiva, que se constitui a “consistência” do conjunto como um todo. Esse elemento que está fora do conjunto e que é condição de seu fechamento é um “Outro consistente” (Sinatra, 2013, p. 29).

Na mesma perspectiva, Alvarenga (2015) comenta que, se na toxicomania há uma ruptura do casamento com o falo, nas adições contemporâneas também está em jogo certa ruptura com o falo, que é curto circuitado em função de uma relação mais direta com o objeto a. O declínio dos semblantes fálicos na época atual deixa a satisfação da pulsão sem interdição, sem o limite dado pelo falo, que é uma função que introduz a falta. Assim, como efeito, há a emergência do lado feminino das fórmulas da sexuação, enquanto aspiração a um gozo sem limites. Nas adições à internet, destaca-se a emergência do objeto olhar.

As adições ou compulsões virtuais demonstram uma falha na regulação simbólica. Para Miller (2006), o simbólico contemporâneo está em continuidade com o imaginário e

submetido a ele. Parece que “certo rompimento com o falo” expõe as adolescentes a um gozo excedente. O confronto com o real do sexo abala a consistência corporal, provocando a irrupção de um gozo autístico no lugar do gozo fálico, em função da falta de um apoio simbólico no campo do Outro. O Outro se mostra inconsistente na atualidade, não oferecendo recursos suficientes para a identificação sustentada pelo Ideal.

A dimensão autística do gozo relaciona-se à pulsão de morte, cuja finalidade é a satisfação total que leva à inatividade, à morte. Ou seja, a energia desligada, provocadora de ruptura, associada aos processos primários que não se ligam à vida. É nessa perspectiva que Freud em seu texto de 1920, *Mais além do princípio do prazer*, debaterá o mecanismo da compulsão à repetição. Para Freud, a repetição indica que a pulsão “é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas”. (Freud, 1920: 53/54). Desta forma, a compulsão à repetição também comporta uma manifestação pulsional em estado bruto, sem a relação com o Outro portador do simbólico que faça exceção ao infinito de uma série, evidenciando aí a compulsão na toxicomania. É nessa via que podemos perceber uma ação toxicômana no uso das tecnologias digitais.

O psicanalista pode ofertar a palavra e a escuta, levando a uma interrupção na compulsão “a olhar”, “a se mostrar”, “a postar”, para criar uma zona de sombra, algum anteparo no empuxo “a se ver” e “a ser visto”, pela via do simbólico. É uma intervenção clínica que a tecnologia sozinha não é capaz de efetuar.

Se a sociedade hipermoderna pretende abolir a dimensão subjetiva, a oferta da palavra visa criar um intervalo entre as imagens, para instaurar o enigma, permitindo passar das imagens à palavra. É o que nos mostra Sofia, que ao final das conversações, comenta: “Agora estou pensando antes de postar...”

Referências Bibliográficas:

ALVARENGA, E. *Não-todo adictos!* (2012). O que quer a mãe hoje. Jornada EBPMG. http://jornadaebpmg.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html

FREUD, S. (1898/1974). A sexualidade na etiologia das Neuroses. In: _____. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: Imago, p.235-256. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

_____ (1920/1974). Além do princípio do prazer. In: _____. *Além do Princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, p.13-88. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GALANTE, D. (2009). Lazosocialintoxicado. In: *Pharmakon* 11- El lazo social intoxicado. Buenos Aires, Grama Ediciones, v. 11, p.51-55.

LIMA, N.L. e Coelho dos Santos, T. (2015). *O crescimento da exposição ao real traumático na adolescência: declínio do pudor no imaginário contemporâneo*. In: Trauma e suas Vicissitudes. Cadernos de Psicanálise – SPCRJ- Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro. V.31, n.34. (p. 265-284).

MILLER, J.A. (2006). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Seminário en colaboración com Éric Laurent. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós.

_____ J.A. (2011). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós.

SINATRA, E. (2013). *@s nov@s adit@s: a implosão do gênero na feminização do mundo..* Florianópolis: Cultura e Barbárie (Coleção Anima)